

O passar dos anos



JOSÉ SARNEY

Senador (PMDB-AP)

É difícil fugir a um tema quando ele se impõe avassalador. Pensei escrever sobre flores ou sobre a Bolívia e seu labirinto. Logo 2006 chegou à minha frente e não tive como afastá-lo.

Meu pai teve um vaqueiro, Ludgero, que contava os anos pelos bezerros: 1948, 50 bezerros e assim por diante, listava todos. Outra amiga nossa, d. Anicota, que tinha uma questão sobre umas terras do Engenho da Anta, que durara mais de 20 anos, já falava dos anos pelos eventos do processo: 1953, "ano em que saiu a sentença que deu ganho de causa a meu irmão, mas em 1954 teve o acórdão do tribunal que botou abaixo tudo".

A marcação dos anos foi uma

invenção do homem. O Padre Vieira, com este sentimento, não via o ano, mas os anos, e pregava desejando Bons Anos, não só o vinodouro mas todos. Para mim, a cada ano saúdo o ano-novo, mas minha gratidão se volta para o ano velho. Quando a cada ano transpomos a marca do tempo, recordo que, nos 365 dias que vivemos, nosso coração a cada dia bombeou 343 litros de sangue por hora, 8 mil litros por dia e 3 milhões no ano para oxigenar os 10 trilhões de células do nosso corpo, no milagre da vida, na harmonia dessa máquina que nos distingue dos outros animais pelo pensar.

Ela alimenta o nosso sonho de sonhar, os sentimentos do amor, da fraternidade, da paixão, da solidariedade humana. Todos que vivemos e estamos aqui na terra podemos louvar o ano que passou e renovar esperanças sobre o ano que vem, porque somos vitoriosos. Na evolução, somos produto de uma linhagem em que

tudo deu certo. Jay Gould, pensando sobre isso, observou: "nossa espécie nunca se rompeu nenhuma vez, em bilhões de momentos em que poderia acabar". E quantas espécies acabaram.

Mas, para mim esse mistério é tão grande e tão inexplicável quando compreendemos que toda ciência é inevitável, mas ela só se completa na plenitude da fé. É a presença de Deus na obra da criação que fecha e acaba o ciclo da dúvida.

Ao meditar sobre a vida na contagem dos anos, a expressão que me ocorre é de Hannah Arendt, que fala da obrigação de nossa "gratidão pelo mundo".

Os gregos pensavam que na amizade residia boa parte da felicidade e era um dos requisitos "fundamentais para o bem-estar da cidade" e, assim, ligavam a filantropia ao "amor dos homens". Os romanos já caminhavam na noção de "humanidade", como sentimento de solidariedade en-

tre os homens: sermos humanos.

Ano-novo, ano velho, renovação de esperanças no mundo com menos violência e mais amigos. Mas, infelizmente estamos longe de chegar à utopia de um tempo solidário.

Bandeira Tribuzzi, um grande poeta ainda a ser descoberto como foi Sousândrade, tem um poema sobre a Máquina do Mundo em que ele diz "que sonho raro / será mais puro e belo e mais profundo / do que esta rica máquina do mundo", acrescentando o toque corporal quando diz: "nos rins se processa um mistério tão sério / que é injusto esquecê-lo".

Num tempo da morte das utopias, rezemos pela sua ressurreição, um mundo de paz, de humanidade, sem desigualdades, sem fome e sem miséria.

Tudo isso para chamar todos os homens de amigos e desejar um ano-novo de grandes alegrias, sem esquecer o ano velho com rins e coração funcionando bem.